

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

*** * ***

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribereite: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Violante F. Magalhães
Universidade de Lisboa

Uma leitura de *Vagão ‘J’*

Resumo:

Vergílio Ferreira inaugurou o percurso literário em 1943, com *O caminho fica longe*. No ano seguinte publicava um novo romance, *Onde tudo foi morrendo*, na colecção Novos Prosadores (conotada com o neo-realismo português), e em 1946, também nesta colecção, *Vagão ‘J’ – Romance*. Em 1974, o escritor reeditou o último título; no prefácio, informava os leitores que, depois de longos anos de hesitação, fora este o romance escolhido para representar a sua denominada fase neo-realista, e excluía os dois primeiros volumes da obra. Sem pretender atribuir a *Vagão ‘J’* uma importância estética e antropológica que o próprio autor lhe não reconhecia, há todavia neste romance uma mestria técnico-narrativa, posta ao serviço do ideário do neo-realismo, que não pode deixar de ser evidenciada, como procurarei demonstrar na leitura que apresento.

Palavras-chave: *Vagão ‘J’ – Romance*, Vergílio Ferreira, Neo-Realismo português.

Abstract:

A reading of *Vagão ‘J’*

Vergílio Ferreira began his literary journey in 1943, with *O caminho fica longe* [It's a long road]. The year after he published another novel, *Onde tudo foi morrendo* [Where everything died], in the *Novos Prosadores*

[New Prose Writers] collection (linked to with Portuguese neo-realism), and in 1946, also in this collection, the novel *Vagão 'J'* [Wagon 'J'] was published. In 1974 the writer republished the last title; in the preface he informs the readers that, after many years of hesitation, this was the novel he had chosen to represent his so-called neo-realist phase, and he excluded the first two volumes of the work. Without intending to attribute *Vagão 'J'* an aesthetic and anthropological importance that the author himself does not acknowledge, there is however a technical-narrative mastery in this novel, put at the service of the neo-realism mindset, which cannot fail to be pointed out, as I shall seek to show in the reading that I present.

Keywords: *Vagão 'J'* – Novel, Vergílio Ferreira, Portuguese Neo-Realism.

Aquando da 1ª edição de *Vagão 'J'*¹, Nataniel Costa admitia que Vergílio Ferreira revelava “talento de romancista na capacidade de (...) sugerir o ambiente miserável onde as suas figuras se movem” (Costa, 1947: 198); considerava, no entanto, que a utilização de uma “linguagem cheia de erros e ingenuidade da gente que retrata” (Costa, 1947: 199) resultara “completamente estéril” (Costa, 1947: 199). Em 1974, no prefácio à 2ª edição do romance, Vergílio Ferreira lamentava que a única crítica recebida à época não lhe tivesse perdoado uma “escrita popular com a sua desordem sintáctica” (Ferreira, 1974: 34). Salientava haver neste título “uma certa perspectiva de ironia em que a intenção política imediata se corrige” (Ferreira, 1974: 35), e declarava ainda o seguinte acerca de *Vagão 'J'* e de obras coetâneas:

Nem me lembro agora, aliás, de livro algum desse tempo em que a mecânica ou dialéctica das forças sociais se entendesse a um nível superior ou geral, porque foi sempre entendida ao nível particularíssimo do ter ou não ter, da saciedade ou da fome. (Ferreira, 1974: 16)

Na verdade, a família Borralho, que protagoniza o romance, debate-se com situações de “não ter”, relacionadas com a fome. Enquadrados num meio aldeão, os Borralhos representam “a camada

¹ Vergílio Ferreira, *Vagão 'J'* – Romance, Coimbra, Coimbra Editora (s/d [1946]). Todas as referências são desta edição.

baixa da sociedade rural exposta à exploração dos poderosos” (Lind, 1986: 37). A família é composta pelo casal Joaquina e Chico, pelos filhos, e por Gorra (irmão de Joaquina). Ainda que seja dito que Joaquina “fabricava filhos com extremo desembaraço e cada ano deitava um para a rua” (p. 68), na diegese, acompanha-se apenas o percurso dos jovens Manuel, Maria e João, e das crianças Joaquim e António – personagem que virá a protagonizar um outro romance do escritor (*Manhã submersa*, 1954).

Vagão 'J' tem um narrador heterodiegético, cuja focalização é onisciente, interna e interventiva. Nas constantes intrusões, o narrador, para além de comentar actos e estados de espírito das personagens, chega a interpelá-las, como visível no seguinte extracto:

Joaquina Borralho, sabes tu o que pensam os poetas? Sabes tu o que são poetas? Eh!, mulher!, que nunca atingirás o limiar dos segredos da vida. Nunca saberás que um homem é tanto mais rico de humanidade quanto mais puder complicar as coisas simples. (p. 189)

Esta apóstrofe, em que o narrador coloca à personagem interrogações retóricas (tudo o que foi dito sobre Joaquina não deixa dúvidas sobre tal impossibilidade), seguida da exclamação “Eh! Mulher!” marcam um distanciamento cultural e ideológico entre narrador e personagem, conferindo ainda força afectiva às considerações tecidas sobre o processo artístico. O papel do poeta “rico de humanidade” por “complica[r] as coisas simples” é uma antífrase da poesia neo-realista: uma poesia ao serviço do povo, debruçada sobre o quotidiano dos mais humildes (já de si tão complicado).

O discurso narrativo surge em fluxo contínuo, visto que o romance não apresenta capítulos. As falas das personagens, de extrema exiguidade semântica, ficam pelo uso de “uma sintaxe livre – em que predomina a anáfora principalmente copulativa, a repetição de sintagmas alargada, por vezes, com um novo adjectivo” (Godinho, 1974: 640), de exclamações, interjeições, locuções populares, frases elípticas ou interrompidas. Por vezes, a linguagem utilizada pelo narrador está de tal forma próxima das falas das personagens que as perspectivas de ambos se confundem.

O romance inicia-se com um quadro de feira (pp. 9-15), símbolo para ilustrar a tremenda pobreza em que os protagonistas vivem, consequentemente um *leitmotiv* comum a outros romances neo-realistas (como *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes). Embalados com o som da música da charanga ou dos realejos, encantados com as cores dos foguetes, fascinados com cheiros e sabores dos produtos vendidos pelas doceiras, na feira, “homens, mulheres e crianças passam para baixo e para cima, blusas novas” (p. 9). Mas, neste cenário, Manuel Borrvalho passeia-se de “calça repuxada [que] descobria a meia de algodão e os atilhos” (p. 12). Em casa dos Borrvalhos, os preparativos para a feira consistiam tão-somente em alterar hábitos de higiene: Joaquina procedia “à limpeza dos garotos, na rua, à vista de toda a gente, para que toda a gente soubesse que ela era limpa, asseada como os da alta” (p. 26).

Com o auxílio da filha Maria, Joaquina Borrvalho toma conta do marido, que ficara inválido quando laborava na pedreira de João Teles de Amorim, o Sr. Joãozinho – o homem que tinha a aldeia nas mãos, “porque só ele tinha o dinheiro necessário para isso e para muito mais” (p. 36). Depois do acidente, “práli fica[ra] aquele mono comendo o suor dos filhos e da mulher. Por isso todos os filhos e a mulher desejavam que Deus o levasse para o seu divino reino e os aliviasse daquele fadário” (p. 32). Não porque, informa o narrador, não amassem Chico, mas, porque “quem é pobre não pode saborear essas coisas do sentimento” (p. 33). Deste modo, o narrador emite sobre o narrado juízos sociológicos (“práli fica[ra] aquele mono...”) e ideológicos (“quem é pobre...”), a que acrescem juízos psicológicos. Joaquina, por exemplo, é caracterizada como corpulenta e rude: “era grande como um elefante, (...) era a coisa mais ordinária da freguesia” (p. 121). Como estas digressões são feitas num discurso que contém um léxico próximo do das personagens, a focalização interventiva do narrador está eivada de ironia.

Os Borrvalhos vivem dos trabalhos ocasionais do primogénito, Manuel. Quando, depois de uma briga, este é preso durante um mês, a família passa por uma situação agravada de fome. Na sequência de uma cheia – tópico usual nas narrativas neo-realistas (recorde-se, por exemplo, *Fanga* de Alves Redol), algumas terras ficam ao aban-

dono, pelo que Teles de Amorim aluga uma leira a Manuel (p. 134). Regressado de Lisboa, Gorra ajuda o sobrinho a limpar o terreno e expõe o seguinte:

(...) as coisas vistas como devem ser, o teu pai só stá a atrasar a vida. Ele é remédios, ele é uma criada sempre ali. Eu sou amigo dele. Mas que stá ele a fazer? Só a atrasar a vida... Só, mais nada. Inda se disséssemos: – morre hoje ou morre amanhã... Mas não morre. (p. 135)

A fala de Gorra, marcada por frases interrompidas, insinua o projecto de se verem livres de Chico Borralho. No regresso do hospital (onde o levam para que o médico lhe receite algo fatal), o amargurado Chico, apercebendo-se dos intentos do filho e do cunhado e da razão que lhes assiste, suicida-se (p. 142). Assim, *leitmotiv* comum ao romance neo-realista, o suicídio está também presente em *Vagão 'J'*.

João distancia-se da caracterização dos demais Borralhos (“ladrõezitos reles, desordeiros, raça acanalhada de esterco”, p. 14). Sempre pronto a ajudar os outros, casará com uma moça muito pobre da aldeia (p. 158). Se este casamento demonstra como a miséria social não pára de se reproduzir, prova que João foi aceite no meio. Paradoxalmente, Manuel (afinal, o sustento da família) não consegue essa aceitação.

Manuel não é correspondido na paixão por Maria do Termo (dona de uma grande beleza e de uma voz admirável). A jovem fica grávida do Dr. Soeiro, um “homem de muitos poderes, muitos mais que o Sr. Joãozinho, ai, nem tinha comparação. Vivia em Lisboa, era um grande” (p. 112). Manuel, que extravasa as suas frustrações pela agressividade, mata o Dr. Soeiro (p. 190) – crime pelo qual pagará longos anos de prisão. Nesse período, Maria do Termo “veio descendo do carpinteiro para o cavador, e agora era de qualquer um” (p. 223). O romance terminará quando Manuel, “gasto da pena que cumpriu” (p. 232), regressa à aldeia (de onde, há muito, a família havia partido) e pode “saciar a sua fome de amor, de amor ou lá o que era que nunca soube dizer” (p. 232), pois, finalmente, Maria do Termo recebe-o.

Após o suicídio do pai, Maria Borralho torna-se criada de D. Estefânia, mulher do Capitão Castro (“um grande da terra”, p. 110).

Muito beata, a patroa é caracterizada por diminutivos: “miudinha como um fuso” (p. 109), tinha “um rostinho de víbora” (p. 201); era mãe “do Eduardinho, do Quinzinho, do Zezinho e de mais três *inhos* muito interessantes” (p. 145). A estada de Maria na casa dos Castros revelar-se-á problemática: Eduardinho começa a assediá-la; industriada por Joaquina, a jovem explora a situação, a troco de conseguir levar comida para os Borralhos. Esta estada determinará o futuro de António Borralho. O menino “andava lá sempre” (p. 145), e D. Estefânia chama a si a missão de “fazer dele um ministro de Deus” (p. 145). Quando António entra no Seminário, Maria considera cumprida a missão de proteger o irmão, e abandona aquele ambiente castrador (p. 201).

Para Helder Godinho, *Vagão 'J'* “gera-se entre dois espaços de ficção: a estrutura social, clausticante, e a estrutura de espanto, que preenche o espaço de alargamento, desclausticante” (Godinho, 1974: 647). Segundo este crítico, a integração do “élan energético do sentimento num saber que escolha” (Godinho, 1974: 647), relacionada com a estrutura de espanto, foi entregue à personagem de António Borralho, que, por conseguinte, assume “o papel primordial” (Godinho, 1974: 647). Com efeito, embora a narrativa descreva a gesta da família, as situações disfóricas vividas remetem para o passado ou o presente; ora, “do futuro fala timidamente a presença de representantes das gerações futuras” (Godinho, 1974: 641), mormente as personagens de António e Joaquim Borralho.

António tem 7 anos; Joaquim é mais novo. Eles e demais irmãos crianças apresentavam o “ventre emproado e nu, cara suja e negra” (p. 26). Por determinação da mãe, os dois pequenos são responsáveis por ir buscar água, por apanhar lenha, por tomar conta da irmã bebé. Chegado o Verão, eles “deixavam a irmãzinha ao deus-dará” (p. 58) para irem banhar-se, com outros garotos, no poço da Azenha. Ou ainda:

(...) voltavam a casa e apanhavam uma sova. Mas isso pouco importava, porque logo depois da magra ceia pegavam no arco de pipa e do guiador e corriam pela aldeia ou jogavam às escondidas ou iam para o balcão do Quintino ouvir o que diziam os homens. (p. 59)

Os meninos têm ambições diferentes: Joaquim quer tão-só um papagaio de papel para brincar (p. 55); António quer ir à escola (pois, pensava ele, “para se ser alguém, para se ler um jornal ou escrever uma carta, era preciso ir à escola”, p. 56) e à igreja, “aprender a doutrina” (p. 80).

Na sequência das ambições de António, o professor da instrução primária assume papel de relevo na diegese. Descontadas as intrusões da voz narradora, é esta a personagem que funciona como porta-voz ideológico do romance. O professor, que “não suportava que o incluíssem fosse em que partido fosse; porque ele não tinha partido, tinha apenas cabeça” (p. 105), dizia constantemente “coisas que se não entendiam: / – A miséria. Desequilíbrio social...” (p. 66). Próximo, em termos de condições materiais e familiares, dos aldeãos (“ganhava pouco dinheiro e tinha uma ninhada de filhos que andavam pelas ruas descalços, com a camisa de fora”, p. 66), é reconhecido pelo meio. Os aldeãos escutam-no, mesmo que não entendam palavras, alusões ou ideias por ele expressas, nem cumpram os conselhos dele: Joaquina, por exemplo, insiste em alimentar a filha bebé com feijões e vinho, contrariando as indicações do professor (p. 160).

Apesar de António persistir no pedido de que o deixem ir à escola, a mãe vai resistindo como pode:

Joaquina Borrvalho teima na sua que o pequeno não pode ir para a escola, porque não tem que vestir e essa coisa de aprender a ler era um luxo como qualquer outro. Ela não sabia ler e sempre se governara, enfim não lá muito bem, mas isso não tinha importância. (p. 77)

Nem os esforçados argumentos de Manuel em defesa do irmão (“A gente nasce com a enxada nas unhas e nunca pode levantar cabeça que um homem sem instrução é pràqui um carneiro”, p. 78) convencem Joaquina. Só a intervenção do professor alterará a sina de António:

Mas o professor entendeu que o pequeno devia ir e foi. A mãe repetiu todos os argumentos do princípio para o fim e às avessas. Porém o professor era teimoso e não compreendia que os garotos eram precisos em casa e essa coisa da escola eles depois esquecem tudo e ficam na mesma.

– Você manda o rapaz e acabou-se.

Nessa manhã Joaquina Borralho levantou-se em sobressalto. Ia ter um filho na escola e isso ultrapassava tudo o que houvesse de mais extraordinário. (pp. 78-79)

A agitação (“levantou-se em sobressalto”) e perplexidade (“isso ultrapassava tudo o que houvesse de mais extraordinário”) sentidas por Joaquina não a fazem esquecer a realidade em que vive. Por isso, quando, passados meses, Joaquim lança “à experiência lá do canto do lume: / – Prò ano eu tamém quero ir prà escola” (p. 121), logo a mãe acode: “Tinha que ver. Estava agora mesmo a criar os filhos para fidalgos. Naturalmente ela é que ainda tinha de ir ao mato, à fonte e guardar a menina. Enfim, criancices” (p. 121). A utilização do discurso indirecto livre (“Tinha que ver”), amalgama as vozes do narrador e da personagem – estratégia formal que traz sintonia ao enunciado e, simultaneamente, prenuncia o destino de Joaquim. O garoto irá trabalhar para uma das três fábricas existentes na vila, representando, portanto, a condição da criança operária: “Joaquim foi posto na fiação a *agarrar fio* que era por onde todos começavam. / (...) E lá ficou a abrir uma vida de sombra” (p. 154).

Na escola, António revelar-se-á “uma inteligência privilegiada” (p. 120). É também ali que se consciencializa da miséria em que os Borralhos vivem, pois a fome continua a assolá-lo:

Sentado no degrau da Escola, o filho do Presidente [da Junta] bate as mandíbulas manducando regalado a merenda que a criada trouxera. Pão e queijo, queijo e pão, tão bom, oh!, deve ser bom de verdade e António por mais que se esforce não consegue despregar os olhos do quarto de trigo que o menino come. (...)

Um filho do Carapinha (...), quando o menino levava à boca o quarto de trigo, apertou-lhe o pulso com força e fez-lhe largar o pão. E enquanto o garoto choramingava, Carapinha e Borralho mastigavam num recanto do pátio os restos da merenda. (pp. 89-90)

Coagido pelo Presidente da Junta a punir Carapinha e António, o professor “bateu três vezes a fêrula nas mãos dos garotos em preguiça condoída” (p. 91). A hipálage usada (“preguiça condoída”) carac-

teriza-o como piedoso. É ainda representado como um homem calmo, que recorre a métodos didácticos adequados (p. 80). Com um sentido ético e cívico estremado, considerava que “todo aquele enxame de crianças era seu, todas estavam entregues à sua guarda. Tinham almas de cera onde ele ia gravando os primeiros sulcos” (p. 95). Empenhado em prevenir os alunos “contra as mentiras do mundo” (p. 95), em torná-los fortes para a luta que antevia que eles iriam travar, “falava de coisas estranhas que os meninos achavam disparatadas e lhes rasgavam gargalhadas surdas” (p. 95). Mas não é só o trato do professor que torna a escola apazível. Também o espaço físico contribui para isso: “a sala era larga e branca, bem janelada, com vistas para a Serra e o cemitério, mapas nas paredes e um zum-zum de abelhas continuamente no ar” (p. 79). Enquanto as crianças aprendiam com o paciente professor, “toda a aldeia era repassada de uma doce ternura no calor morno do sol, na claridade frouxa, diluída e mansa” (p. 80).

Nas descrições do professor e da escola, o narrador não utiliza um registo da fala popular. Pelo contrário, incorpora semas de cariz culto, como sejam os verbos “enlaçar” e “repassar”, os advérbios “bem [janelada]” e “continuamente”, os substantivos “sulcos” e “ternura”, os adjetivos “doce” e “morno” ou o adjetivo com função adverbial “[enlaçou-o] carinhoso”. Socorre-se do oxímoro (“gargalhadas surdas”) e da tripla adjectivação (“larga e branca, bem janelada”; “frouxa, diluída e mansa”). Educandos, professor e o acto de educar são definidos pela imagem “almas de cera onde ele ia gravando os primeiros sulcos”. A escola é conotada com o domínio da linguagem, figurada como o lugar do saber, paulatina e laboriosamente construído (dado pela forma perifrástica “ia gravando”). Com o recurso à sinestesia – conjugando sensações visuais (sala “branca, bem janelada, com vistas”), auditivas (“zum-zum de abelhas”), a sugestões perceptivas – do gosto (“doce ternura”), do tacto (“calor morno”), da visão (“claridade frouxa, diluída”), a escola de aldeia é representada como um local idílico².

² Em *Vagão 'J'*, a apologia da escola surge a par da do professor. Em romances neo-realistas coetâneos, como *Cerromaior* (1943), de Manuel da Fonseca,

António faz a instrução primária. Passam três anos (p. 194); uma analepse dá conta do sucedido. Certa manhã, levando “tanta coisa para comer na viagem.../ Queijo e presunto e galinha assada e queijo” (p. 195), o rapaz partira para o Seminário (note-se a ênfase produzida pela parataxe e pela repetição: o queijo fora o alimento tão desejado, anos atrás roubado por Carapinha ao filho do Presidente da Junta). Ali, à medida que o tempo passava, o agora adolescente sentia-se “atado à regra, andava amortalhado” (p. 220), pelo que começou a cismar sobre como fugir “daquele casarão comprido de salas de cimento, largas e frias” (p. 220).

Nas férias, sempre que António regressava à aldeia, D. Estefânia e a criada “empalmavam-no logo, levavam-no a reboque para casa” (p. 216), pelo que Joaquim via o irmão ao longe, e Joaquina não conseguia aproximar-se do filho. Uma das vezes, Gorra, que “não era homem para se encolher” (p. 217), asseverou à irmã que iriam ambos esperar o rapaz (“viesse lá a Estefânia ou o raio, havíamos de ver”, p. 217). Não conseguiu, todavia, melhores resultados, pois a ancestral submissão social falou mais forte dos que estas ameaças. Assim, veja-se o sucedido quando António desce da camioneta:

[Gorra] soltou um berro que atroou os ouvidos delicados de D. Estefânia:

– Eh! Tonho de um raio, que stava a ver que nunca mais chegavas. [...] Mas logo a D. Estefânia se abeirou dele, muda e fria, e Gorra, obedecendo a um impulso milenário, desbarretou-se e acuou. Foi colar-se à irmã e ambos, de longe, viram sumir-se o fato preto do garoto, o chale-manta de D. Estefânia e a mala na cabeça da criada. (p. 218)

A figura de metonímia “fato preto” (a que se juntam a da benfeitora, igualmente definida pelo que veste, e a da criada, pelo que carrega) indicia um episódio sinistro: ao colaborar com Eduardinho Castro na construção de um balão de festa, António mutila a mão

tecem-se imagens do professor antagónicas das apresentadas em *Vagão 'J'*. A representação positiva da profissão docente não poderá, por certo, ser desligada do percurso biográfico de Vergílio Ferreira – professor desde 1942.

(p. 222). Apercebendo-se de que esta deficiência comprometerá o futuro clerical do jovem, D. Estefânia desinteressa-se pela cura. Agora, ironiza o narrador, “iria arranjar outra ocupação para marcar lugar lá nas alturas” (p. 222). Comentava ela que o rapaz “não tinha vontade nenhuma de ir para padre... Aquilo até o fez de propósito” (p. 222). A esta observação é acrescentada uma frase afirmativa da voz narradora: “Ela o disse” (p. 223)³.

Antônio retorna à casa de família. Algum tempo depois, Joaquina refaz a sua vida afetiva, juntando-se ao velho Calhau, criado dos Castros. D. Estefânia fica escandalizada, mas, porque não tem quem trate do carro de bois, continua com Calhau ao serviço da casa. Por isso, os Borralhos “sempre vão comendo alguma coisa que o Calhau lhes trazia à noite e tudo foi seguindo” (p. 227). Neste passo do romance, o narrador deixa uma interpelação e um desafio:

Quem vem pôr um fim à história dos Borralhos? Ela não acabou ainda e não se sabe já onde foi que começou. Talvez, Antônio Borralho, tu a escrevas um dia. Tu ao menos descobriste que tinhas inteligência, tu sabes o que sois, o que sempre tendes sido. (p. 228)

O cunho de veracidade, dado pela experimentação, alia-se, no caso da personagem de Antônio Borralho, ao poder acrescido que lhe é conferido pelo domínio da escrita.

Gorra concebe um dia “um plano grandioso” (p. 228): propõe à família que emigrem para Lisboa, pois, justifica, “aldemenos lá ninguém (n)os conhece” (p. 228). A família viaja de comboio, na 3ª classe.

³ Como referido, *Vagão 'J'* detém “o núcleo do drama social e humano” (Rocha, 1999: 232) do protagonista de *Manhã submersa*. Antônio e sua benfeitora, a beata D. Estefânia, reaparecerão naquele título de 1954 – um romance de aventura “do adolescente português a braços com um tipo de educação muito particular” (Lourenço, 1982: 301). Se o primeiro narrara sumariamente o ingresso de Antônio no Seminário, a mutilação e a ida para Lisboa, *Manhã submersa* expande estes episódios: narram-se os três anos de reclusão forçada do rapaz no Seminário, o seu desejo de obter a liberdade a qualquer preço e a saída encontrada pelo seminarista – que decide sacrificar os dedos, fazendo explodir um foguete na mão.

Calhau ainda sugerira que viajassem no vagão ‘J’, o mais barato, mas o viajado Gorra, trocando da ignorância do “semi-cunhado” (p. 230), explicara-lhe que aquele vagão era “pràs bestas” (p. 230). Por certo, à atribuição do título do romance, presidiu a insinuação de que o estatuto dos Borrachos nem sequer atingia o de um lugar de 3ª classe.

Perto do final, o narrador repete a pergunta “Quem vem pôr fim à história dos Borrachos?” (p. 231) e, apresentado o epílogo da história de Manuel Borrachos e Maria do Termo, reitera-a. Trata-se de perguntas retóricas, pois, páginas atrás, ficara a insinuação de que só poderia ser António. Ele é o único dos Borrachos capaz de usar a escrita como arma. Que é como quem diz: só quando os pobres escreverem a sua própria história será possível erradicar situações de injustiça social. Assim, neste romance de Vergílio Ferreira, como nas demais narrativas neo-realistas, os dramas íntimos das personagens estão intrinsecamente ligados ao curso histórico-social do colectivo em que enquadram.

Bibliografia

- COSTA, Nataniel, (1947), “Livros: *Vagão ‘J’*, por Vergílio Ferreira”, *Seara Nova*, nº 1025, 22 Março, pp. 198-199.
- FERREIRA, Vergílio, (1974), “Prefácio do autor à 2ª edição”, em: *Vagão ‘J’*, Lisboa, Arcádia, pp. 7-40.
- GODINHO, Hélder, (1974), “O possível em *Vagão ‘J’*”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, VIII Separata, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 639-647.
- LIND, Georg Rudolf, (1986), “Constantes na obra de Vergílio Ferreira”, *Colóquio Letras*, nº 90, Março, pp. 35-46.
- LOURENÇO, Eduardo, (1982), “Vergílio Ferreira e a geração da Utopia”, em: Hélder Godinho (org. e prefácio), *Estudos sobre Vergílio Ferreira*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 295-306.
- ROCHA, António, (1999), “Vergílio Ferreira e o Neo-Realismo: Notas de leitura”, em: Júlio Graça (dir.), *Encontro Neo-Realismo*, Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo/ Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 225-235.